

A INERRÂNCIA BÍBLICA ENTRE O BIBILICISMO E A PÓS-MODERNIDADE

Biblical Inerrance between Biblicism and Post-modernity

*Vítor Manuel R. Rafael**

Resumo:

Nalguns sectores mais conservadores do cristianismo desde os finais do século XIX tem sido empreendida uma autêntica batalha pela defesa da autoridade da Bíblia. A doutrina da total inerrância e infalibilidade das sagradas Escrituras foi primeiramente uma resposta ao liberalismo, que surge em pleno iluminismo e, posteriormente, na pós-modernidade, decorrente das ideias existencialistas e desconstrucionistas com que alguns filósofos franceses irão influenciar os métodos hermenêuticos. Em causa tem estado uma cosmovisão assente na suprema autoridade bíblica em matéria de fé e conduta, que se opõe a uma secularização progressiva. A sexualidade antes do casamento, o aborto, o casamento homossexual, a ideologia do género, a eutanásia, o sacerdócio feminino e até a inclusão de homossexuais no seio da igreja, têm tido forte oposição por parte dos que persistem na doutrina da inerrância e no biblicismo.

Palavras-Chave: Biblicismo, Inerrância, Liberalismo, Pós-modernidade

Abstract:

In some of the more conservative sectors of Christianity since the late 19th century, an authentic battle has been fought to defend the authority of the Bible. The doctrine of the total inerrancy and infallibility of the Holy Scriptures was first a response to liberalism, which emerges during the Enlightenment period and, later, in postmodernity, due to the existentialist and deconstructionist ideas with which some French philosophers would influence hermeneutical methods. At stake it has been a worldview based on the supreme biblical authority in matters of faith and conduct, which is opposed to progressive secularization. Sex before marriage, abortion, same-sex marriage, gender ideology, euthanasia, the female priesthood and even the inclusion of homosexuals within the church, have been strongly opposed by those who persist in the doctrine of inerrancy and the biblicism.

Keywords: Biblicism, Inerrancy, Liberalism, Postmodernity

* Mestre em Ciência das Religiões e Investigador do Instituto de Cristianismo Contemporâneo (ICC), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Introdução

As relações entre a religião e a sociedade pós-moderna¹ não têm sido muito fáceis. Desde o Iluminismo e seu confronto entre razão e fé, que se tem vindo a assistir a uma maior secularização na sociedade ocidental. Como não podia deixar de ser, as próprias Escrituras, que até então não eram postas em causa, começaram a ser objeto de análise histórico-crítica. Novas disciplinas como a história, a arqueologia e até os estudos clássicos, expuseram muitas das crenças religiosas, tidas pelas igrejas como absolutas e inquestionáveis. Johann Salomo Semler (1725-1791), que é amplamente considerado o fundador do estudo histórico-crítico do Novo Testamento, dará início no séc. XVII à chamada teologia liberal. Semler irá fazer distinção entre Sagradas Escrituras e Palavra de Deus, afirmando que as mesmas, incluídos os evangelhos, deviam ser vistas no contexto do seu desenvolvimento histórico (PORTER, 2007, p. 96)². Toda esta abordagem histórico-crítica das Escrituras tem sido desde então um foco intenso de conflito entre as igrejas mais conservadoras, que insistem numa leitura literal e na autoridade absoluta da Bíblia em todas as matérias de fé e conduta, e as que defendem uma maior flexibilidade nos métodos hermenêuticos e maior abertura face aos desafios que se impõem perante a secularização crescente.

Tal como o dogma da infalibilidade papal, a doutrina da inerrância bíblica resulta duma reacção das igrejas contra o liberalismo em finais do séc. XIX e inícios do séc. XX. Mais tarde, já em plena pós-modernidade, além do confronto com o liberalismo a Igreja verá na neo-ortodoxia e no relativismo novos desafios às suas posições dogmáticas acerca da autoridade bíblica. Perante a clivagem cada vez mais evidente entre evangélicos conservadores e

1 Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas (...) vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas, gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades. (EAGLETON, 1996, p. vii).

2 PORTER, Stanley E. - *Dictionary of Biblical Criticism and Interpretation*.

igrejas protestantes liberais, terão início em Chicago, entre 1978 e 1986, uma série de conferências com a participação e envolvimento de teólogos e pensadores conservadores, que irão culminar numa trilogia de Declarações doutrinárias sobre inerrância e hermenêutica bíblica. Também a Igreja Católica, após o Vaticano II, irá tomar várias posições sobre a inerrância, embora de modo diverso das igrejas evangélicas. Já as igrejas protestantes e liberais, caracterizadas essencialmente pela sua diversidade teológica, espiritualidade eclética e uma forte preocupação com a justiça social, têm revelado geralmente posições mais moderadas.

Finalmente, serão analisadas questões relativas à ética cristã e eclesiologia. Fruto da secularização crescente nas sociedades pós-modernas, os princípios defendidos por estas igrejas da inerrância, entram em colisão com temas como relações sexuais pré-matrimoniais, casamento homossexual, teoria do género, eutanásia e até com a medicina genética. Outros temas como a ordenação de mulheres e a inclusão de homossexuais na comunidade de crentes são igualmente problemáticas na perspectiva hermenêutica da inerrância bíblica.

Origens da doutrina da Inerrância Bíblica

A doutrina da inerrância, característica marcante do fundamentalismo cristão e que sustenta que a Bíblia é inerrante em todos os seus detalhes, inicia-se com teólogos presbiterianos conservadores da Universidade de Princeton, Estados Unidos, no final do século XIX. Por essa altura, o movimento milenarista dividia toda a história em épocas ou dispensações. A dispensação final seria o *milénio* ou o reinado de Cristo de mil anos na Terra. A *inerrância*, que se tornaria uma palavra-chave para grande parte do movimento fundamentalista, pretendia assumir-se como uma qualidade científica relacionada com a visão da verdade. Era vital para os dispensacionalistas que as suas interpretações literais das profecias fossem não apenas absolutamente

confiáveis mas também precisas. As afirmações encontradas nas Escrituras não se deveriam desviar da verdade (MARSDEN, 2006)³. Será da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana, em 1910, que sairão as primeiras formulações de crenças fundamentalistas contra o liberalismo e que se reportam à Conferência Bíblica de Niagara de 1895. Posteriormente estes fundamentos, entre os quais a inspiração e a inerrância da Bíblia, foram melhor desenvolvidos numa série de doze volumes publicados em Chicago entre 1909 e 1915, *The Fundamentals* (HARRIS, 2008, p. 26)⁴.

Muitas igrejas evangélicas assumem hoje nas suas declarações de fé ou nos seus corpos dogmáticos a doutrina da inerrância bíblica – que nada mais é do que uma teoria acerca da autoridade bíblica – a qual afirma que os escritos originais (*autógrafos*) estão livres de erros em assuntos científicos, históricos, teológicos ou morais. A inerrância é ainda justificada devido ao envolvimento directo do Espírito Santo, que supervisionou as palavras que foram usadas pelos escritores dos textos, bem como os eventos descritos e ensino vinculado (HILLERBRAND, 2003, pp. 290-291)⁵.

No final de outubro de 1978 reuniu-se em Chicago um concílio de várias igrejas protestantes e evangélicas, o ICBI (International Council on Biblical Inerrancy), durante o qual cerca de 278 líderes cristãos, teólogos e pastores evangélicos, entre os quais Francis August Schaeffer, Robert Charles Sproul e John F. MacArthur, adoptaram a famosa Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica (GEISLER, ROACH e PACKER, 2012)⁶. Trata-se duma resposta ao liberalismo teológico que difundiu o método histórico-crítico (Alta-Crítica) na exegese bíblica, contra a Neo-ortodoxia que, segundo alguns dos seus defensores afirmavam, a Bíblia não seria a Palavra de Deus mas continha-

3 MARSDEN, George M. - *Fundamentalism and American Culture*

4 HARRIS, Harriet A. - *Fundamentalism and Evangelicals*

5 HILLERBRAND, Hans J. (ED.) - *Encyclopedia of Protestantism*

6 GEISLER, Norman L.; ROACH, William C.; PACKER, J. - *Defending Inerrancy: Affirming the Accuracy of Scripture for a New Generation* [em linha].

a, mas também contra a epistemologia moderna que se caracteriza pela assunção da relatividade do conhecimento.

Posteriormente, foram elaboradas mais duas declarações, a Declaração de Chicago sobre a Hermenêutica Bíblica (1982), sobre temas relacionados aos princípios e práticas hermenêuticas, e a Declaração de Chicago sobre a Aplicação Bíblica (1986), que versa sobre temas doutrinários e éticos (ICBI, 1986)⁷.

Posicionamento contra o método Histórico-Crítico e Liberalismo

Sabe-se que a utilização do método histórico-crítico inicia-se por Reimarus no século XVIII e por David Strauss, Ernest Renan, Johannes Weiss, Albert Schweitzer já no século XIX, tendo todos estes exegetas empreendido a busca do Jesus histórico partindo das narrativas dos textos neotestamentários. Certamente que a utilização deste método por eruditos influenciados pelo iluminismo e racionalismo é feita contra a influência e poder de uma Igreja fortemente institucionalizada e que aceitava a infalibilidade e inerrância das Escrituras.

Será nesta fase que nascem novas disciplinas como a Crítica Textual, Crítica das Fontes, Crítica da Forma e Crítica da Redacção no estudo das Escrituras. Pode-se subdividir o Criticismo Bíblico em dois grandes ramos, a Alta-Crítica que tenta determinar a autoria, data e circunstâncias em que foram compostos os textos bíblicos, incluindo estudos filológicos/gramaticais e a Baixa-Crítica ou Crítica Textual, relativos à preservação e transmissão do texto bíblico, incluindo a sua datação, criação e relação com outros textos, tentando assim chegar aos mais fiáveis, ou seja, aos autógrafos.

⁷ ICBI - *The Chicago Statement on Biblical Application* [Em linha], atual. dez. 1986. [Consult. 30 mai. 2020]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.alliancenet.org/the-chicago-statement-on-biblical-application>>.

Tendo em conta que o método histórico-crítico deverá operar com a ajuda de critérios científicos tão objectivos quanto possível, alguns opinam que este foi seriamente *infectado* por pressupostos racionalistas pela erudição alemã do século XIX. (AUNE, 2010, pp. 101–115)⁸

Acerca do liberalismo na religião, o Cardeal John Henry Newman tinha-o definido como

“(…) a doutrina segundo a qual não existe verdade categórica na religião; portanto, um credo é tão bom quanto outro (...) O conceito é incompatível com o reconhecimento de qualquer religião como verdadeira. Ele ensina que todas devem ser toleradas, porque são todas uma questão de opinião. A religião revelada não é uma verdade, e sim um sentimento e um gosto; não é um facto objectivo, tão pouco miraculoso; é direito de todo o indivíduo decidir o que lhe agrada”(KER, 2014, p. 38)⁹.

Contrariamente ao método histórico-crítico utilizado pelos teólogos liberais, o ICBI adopta o método gramático-histórico que remete para uma prática exegética assente na total autoridade e inerrância das Escrituras.

Artigo XVIII: INTERPRETAÇÃO

“Afirmamos que o texto da Escritura deve ser interpretado pela exegese gramático-histórica, levando em conta as suas formas e artifícios literários, e que a Escritura interpreta a Escritura. Negamos a legitimidade de qualquer abordagem do texto ou qualquer busca de fontes que estão por trás do texto que leva à relativização, distorção ou menosprezo do seu ensino ou à rejeição da sua reivindicação de autoridade” (GEISLER & SPROUL, 2018, p. 58).

Este método, além de prestar atenção ao idioma em que o texto foi escrito, ao seu contexto histórico-cultural e época, esforça-se para descobrir o sentido real do texto transmitido originalmente pelo seu autor, assim como o entendiam os seus destinatários. Aqui a tarefa do intérprete é determinar com maior precisão possível o que o hagiógrafo quis dizer. Toda a compreensão prévia e preconceitos do intérprete acerca do texto que sejam alheios à intenção

8 AUNE, David E. (ED.) - *The Blackwell Companion to The New Testament*. 1 edition ed

9 KER, Ian - *Newman on Vatican II*. 1 edition ed.

do autor, é tida como violação do texto e não como interpretação (MARTINEZ, 2013, p. 121)¹⁰.

Posicionamento contra a Neo-Ortodoxia

A Teologia da Crise, também chamada Neo-ortodoxia, surge no contexto da crise que se gerou com a desilusão da Grande Guerra e também contra o liberalismo alemão. Com a publicação do comentário à Epístola do apóstolo Paulo aos Romanos de Karl Barth, iniciou-se uma nova fase na teologia continental, que procurava redescobrir o significado de certas doutrinas centrais da ortodoxia remetendo-as a uma leitura mais adequada ao homem contemporâneo.

Não rejeitando de todo o método histórico-crítico assumido pelo liberalismo, será na sua obra *Dogmática Cristã* e noutras que Barth, por exemplo, no que se refere à Cristologia, ensinará que

“a Palavra de Deus é antes de tudo, e eminentemente, a Pessoa do Senhor Jesus, a única revelação de Deus aos homens. Por outro lado, a Bíblia não é a Palavra de Deus em sentido absoluto, no sentido que não é uma encarnação da Palavra de Deus nos escritos humanos” (BARTH, 1956, pp. 512-513).

Para Barth a revelação nunca é objectiva. Ele enfatizava repetidamente que os conceitos humanos nunca poderiam ser considerados idênticos à revelação divina. Neste sentido a Escritura é também linguagem humana, pelo menos parcialmente, expressando conceitos humanos e que carregam um testemunho da intervenção divina nos assuntos humanos. Ele próprio insistia que, aqueles que persistiam na doutrina da inerrância estavam perto daquilo que se pode chamar uma *bibliolatria*. A Bíblia não poderia ser equiparada à Revelação de Deus que é Jesus (BARTH, 2010, p. 108)¹¹. As próprias Escrituras estão cheias de contradições, sendo falíveis em matéria de “religião e teologia” uma

10 MARTINEZ, José - *Hermenéutica Bíblica*

11 BARTH, Karl - *Church Dogmatics*, Vol 1.1, Sections 1-7: The Doctrine of the Word of God

vez que os seus autores são eles próprios vulneráveis e, portanto, capazes de erro (BARTH, 2010, pp. 53-54).

Emil Brunner, um outro expoente da neo-ortodoxia, irá contrapor Barth, entendendo a Revelação como algo objectiva, mas as Escrituras nunca poderão ser equiparadas à Palavra de Deus (BRUNNER, 1946, p. 126)¹². A Bíblia é uma palavra humana sobre Deus, não o próprio Deus, pois Ele nos confronta em Cristo. Não é uma revelação objectiva pessoal mas impessoal. Há um abismo entre as palavras humanas e a Palavra de Deus. A Bíblia é uma palavra histórica humana sobre a Palavra pessoal divina e, por esse motivo, participa da inadequação e falibilidade de tudo o que é humano. As Escrituras são igualmente errantes e falíveis, encerrando contradições, não havendo nelas qualquer inspiração verbal de Deus (BRUNNER, 1964, p. 52,23)¹³.

Conforme se poderá verificar, a neo-ortodoxia rejeita a visão ortodoxa da infalibilidade bíblica e a inerrância. A Bíblia testemunha a revelação de Deus na pessoa de Jesus Cristo, não sendo ela mesmo Palavra de Deus, mas tornando-se Palavra de Deus quando o crente encontra Cristo através dela. A mesma em si não tem autoridade formal, só tem autoridade instrumental e apenas na medida em que nos revela Cristo (BRUNNER, 1950, p. 110)¹⁴.

Posicionamento contra o Relativismo e Desconstrucionismo

Após duas Guerras Mundiais, o Holocausto, o detonar das duas bombas atómicas no Japão e o Gulag soviético na segunda metade do século XX, muitos começaram a colocar em dúvida a capacidade do ser humano trazer progresso, respostas e soluções para os problemas das pessoas através da razão, conhecimento e ciência, dando início ao “pós-modernismo” ou “pós-modernidade”.

12 BRUNNER, Emil - *Revelation and Reason*

13 BRUNNER, Emil - *The Word of God and Modern Man*

14 BRUNNER, Emil - *The Christian Doctrine of God*

Assim como o iluminismo colocou em causa a influência da religião na condução dos desígnios humanos, o pós-modernismo precipitou a dissolução da crença na razão e de muitos sistemas totalitários. Uma vez que se gerou um certo cepticismo em relação à possibilidade de alcançar conhecimentos absolutos, incluindo teológicos, abre-se nesta fase o caminho para o relativismo. A verdade, sendo ilusória, polimorfa, interior e subjectiva, passa a ser vista como relativa, não universal, já que todas as formas de conhecimento religioso ou científico redundarão sempre em expressões fundamentalistas.

Podemos falar de vários tipos de relativismo, entre os quais o cognitivo e o ético. O relativismo cognitivo sustenta que não há verdades universais acerca do mundo: o mundo não possui características intrínsecas, existem apenas maneiras diferentes de interpretá-lo. O relativismo ético defende que não existem princípios morais universalmente válidos: todos eles são válidos em relação à cultura ou à escolha individual (AUDI, 1999, p. 790)¹⁵. Existe ainda o relativismo religioso, o qual sustenta que a verdade não pode ser encontrada em nenhum deus em particular, conjunto de crenças de fé ou em qualquer religião individual do mundo.

O conceito de Desconstrucionismo foi criado a partir do pensamento do filósofo francês Jacques Derrida nos finais dos anos sessenta. Para Derrida, transcendentemente falando, não há verdade ou fundamento significativo, tal como a metafísica tradicional o concebe. O significado é sempre contextual, diferido, provisório e incompleto. Os textos não têm significados decisivos, mas estão cheios de tensões e contradições internas que reivindicam a verdade. Mesmo o significado pretendido pelo autor, não é mais que o reflexo de um jogo de linguagem (PORTER, 2007, p. 74)¹⁶. O texto de qualquer obra nada mais apresenta do que a si mesmo. A intenção do autor e o propósito da obra é praticamente inexistente. As palavras do texto não têm o significado que o

15 AUDI, Robert (ED.) - *The Cambridge Dictionary of Philosophy*

16 PORTER, Stanley E. - *Dictionary of Biblical Criticism and Interpretation*.

autor inicialmente quis expressar e caberá ao leitor final dar-lhes o significado, independentemente do objectivo da obra ou da interpretação feita pela hermenêutica tradicional. As consequências da desconstrução, usada como método crítico nas Escrituras, possibilitará assim a que o texto se dê a diversas leituras e significados, não lhe sendo possível determinar o seu verdadeiro sentido, o qual nunca deve ser encontrado dentro de si próprio, mas sim fora. Assim, para o desconstrucionismo todo o significado do texto é indeterminado e relativo.

A Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica (1978)

Os antecedentes que levaram ao famoso Concílio Internacional sobre Inerrância Bíblica (ICBI - International Council on Biblical Inerrancy) em 1978, surgiram das divisões existentes sobre a doutrina da inerrância, entre as igrejas evangélicas mais conservadoras e as de tendência mais liberal e que já vinham a ocorrer desde os inícios do século XX. Em 1970, ocorrem grandes controversias doutrinárias no seio da Sociedade Evangélica Teológica (ETS) formada em 1949 por um grupo de académicos, professores, pastores e estudantes e tendo como alvo principal a defesa da doutrina da inerrância e inspiração verbal das Escrituras. Também no famoso Seminário Teológico Fuller, de forte tendência teológica conservadora, surgem nas décadas de 1960 e de 1970, alguns professores com pontos de vista diferentes sobre a inerrância bíblica. Face a estas divisões que, segundo a ala mais conservadora, punham em causa a autoridade e infalibilidade da Bíblia, convocou-se o ICBI (GEISLER, ROACH e PACKER, 2012)¹⁷. Grosso modo, a Declaração de Chicago sobre a inerrância bíblica (GEISLER e SPROUL, 2018, pp. 15-16)¹⁸ toma posição sobre os seguintes pontos:

17 GEISLER, Norman L.; ROACH, William C.; PACKER, J. - *Defending Inerrancy: Affirming the Accuracy of Scripture for a New Generation* [em linha]

18 GEISLER, Norman L.; SPROUL, R. C. - *Explaining Biblical Inerrancy: Official Commentary on the ICBI Statements*

- **Autoridade da Bíblia.** As Escrituras são norma para a prática, pensamento e expressão da Igreja. A Bíblia é a única e autoridade final para todos os cristãos em matéria de prática e fé (Artigo II).
- **Revelação.** A Palavra escrita é, na sua totalidade, revelação dada por Deus, não se tratando de um mero testemunho acerca da Revelação de Deus e nem depende das reacções dos homens para sua validação (Artigo III).
- **Doutrina da inspiração verbal e plenária da Bíblia.** A totalidade e todas as partes das Escrituras foram inspiradas por Deus, nas próprias palavras do original, sendo que cada palavra nos manuscritos originais foi dada verbalmente por Deus aos seres humanos. Daqui resulta que a Bíblia é autoridade plena (Artigo VI).
- **Inerrância bíblica.** “(...) na sua totalidade, as Escrituras são inerrantes, estando isentas de toda a falsidade, fraude ou engano” (Artigo XII).

A Declaração de Chicago sobre a Hermenêutica Bíblica (1982)

A fim de evitar que mensagem das Escrituras não seja correctamente compreendida e aplicada, era de vital importância detectar e descartar métodos errados de interpretar o que está escrito e substituí-los por uma interpretação fiel da infalível Palavra de Deus (GEISLER e SPROUL, 2018, p. 87)¹⁹. Expomos aqui alguns dos pontos mais significativos desta declaração, que reforçam a ideia da verdade bíblica como objectiva e absoluta, assim como a necessidade de se utilizar o método histórico-gramatical, interpretando os textos de acordo com o seu sentido literal, embora não se negue a linguagem simbólica, poética, figuras de linguagem e outros recursos literários presentes nos textos. Certamente que muitos dos subscritores da inerrância mudarão para

19 GEISLER, Norman L.; SPROUL, R. C. - *Explaining Biblical Inerrancy: Official Commentary on the ICBI Statements.* [S.l.]

leituras não literais quando a literalidade constituir problema nos seus pontos de vista científico, histórico ou teológico.

- “Declaramos que a Bíblia expressa a verdade de Deus em declarações proposicionais, e que a verdade bíblica é ao mesmo tempo, objectiva e absoluta. Afirmamos ainda que uma afirmação é verdadeira se representa os assuntos como realmente o são, mas é um erro deturpar os factos. (Artigo VI).
- “Declaramos que as Escrituras transmitem-nos a verdade de Deus verbalmente por meio de uma grande variedade de estilos literários” (Artigo X).
- “Declaramos que o conhecimento das categorias literárias, da forma e da estilística, das diversas secções das Escrituras é essencial para uma exegese correcta. Portanto, consideramos a crítica literária uma das muitas disciplinas do estudo bíblico” (Artigo XIII).
- “Declaramos que, apesar de o registo de acontecimentos, discursos e declarações acontecer por meio de uma série de estilos literários legítimos, esse registo correspondente aos factos históricos” (Artigo XIV).
- “Declaramos a necessidade de interpretar a Bíblia de acordo com o seu sentido literal, normal. O sentido literal é o sentido gramatical e histórico, ou seja, o expressado pelo autor. A interpretação literal leva em conta todas as figuras de linguagem e os estilos literários existentes” (Artigo XV).

A Inerrância bíblica vista pelas igrejas Protestantes liberais

Apesar de muitas vezes se confundirem as igrejas evangélicas com as protestantes, existem de facto diferenças entre elas. Um importante trabalho feito por James K. Wellman, professor e estudioso de Religião Comparada,

assinala algumas características existentes entre evangélicos e protestantes liberais no que concerne à sua identidade e princípios morais. Se, por um lado, as igrejas evangélicas mais conservadoras, defendem o biblicismo, a leitura literal das Escrituras, a sua inerrância, as igrejas protestantes estão geralmente categorizadas como sendo liberais. Nestas últimas Jesus é apresentado como modelo inclusivo, amigo dos excluídos, das mulheres, dos sem-abrigo, dos idosos, dos homossexuais. Evitam mesmo tocar em temas que vão, contra as ideias seculares dominantes, relativizando o pecado ao explicá-lo, por exemplo, a partir de teorias psicanalíticas. Também não se consideram, por exemplo, como fundamentalistas, patriarcais ou homofóbicos (WELLMAN, 2008, p. 5,11)²⁰.

Desde a década de 60, quando ocorre a famosa guerra cultural nos Estados Unidos e se dá uma grande expansão no acesso ao ensino superior e ao conhecimento, questões como sexualidade, aborto e casamento homossexual têm vindo a expor o choque entre os denominados fundamentalistas evangélicos e os protestantes liberais. (HUNTER, 1992, pp. 86-87)²¹. A tensão entre esses dois campos opostos, entre “ortodoxos” e “progressistas”, tem sido alimentada por duas visões religiosas e éticas concorrentes entre si, cada uma delas indicando quais os padrões normativos que devem nortear os comportamentos individuais e até os arranjos sociais.

No lado ortodoxo, foca-se a autoridade moral numa fonte transcendente, por exemplo em Deus e nas Escrituras. Fortemente apoiada numa leitura literal dos textos sagrados e na inerrância, deduz-se assim que os seus padrões são absolutos, universalmente válidos, independentemente das preferências e construções humanas. Já do lado progressista as pessoas tendem a colocar a autoridade moral na razão, na ciência e na sua experiência pessoal,

20 WELLMAN, James K. - *Evangelical vs. Liberal*.

21 HUNTER, James Davison - *Culture Wars*

rejeitando muitas vezes fontes de autoridade transcendentais e apoiando-se mais na ética humanística ou deste mundo (DJUPE e OLSON, 2003, p. 129).

Grande parte das igrejas protestantes liberais e progressistas, são caracterizadas essencialmente pela sua diversidade teológica, espiritualidade eclética e uma forte preocupação com a justiça social. No entanto, podemos desde já afirmar que, não estando em conformidade com crenças e posições doutrinárias absolutas (ortodoxia), colocam a sua ênfase na ortopraxia (relações e acções correctas). Sobre os métodos de estudo das Escrituras, insistem no rigor intelectual e no questionamento crítico das crenças e práticas cristãs, reinterpretando-as ou rejeitando-as, se necessário. Estão assim abertos a estudos críticos, rejeitando as leituras literais, afirmando ao mesmo tempo, a relevância actual da Bíblia.

Algumas igrejas protestantes defendem a infalibilidade bíblica ao invés da inerrância bíblica. No início dos anos 60, o mais emblemático seminário evangélico, o *Fuller Theological Seminary*, reviu a sua declaração doutrinária, defendendo uma inerrância limitada, ou seja, as Escrituras são infalíveis em questões de fé e prática, mas podem estar erradas quanto a detalhes de história, ciência, e similares. (LARSEN, 2007, p. 39)²².

A Inerrância bíblica vista pela igreja Católica Romana Pós-Conciliar

O conceito de inerrância bíblica tem acolhido várias interpretações por parte dos teólogos católicos. Existem os que defendem uma posição muito próxima da inerrância absoluta, afirmando que os autógrafos das Escrituras não contêm qualquer espécie de erro. Tem sido esse o consenso de muitos papas e teólogos até meados do século XX. Outros têm defendido a inerrância parcial, ou seja, que a Bíblia, embora não tendo erros em certas matérias, como questões de fé e ética, contém erros ao descrever certos assuntos, como eventos

²² LARSEN, Timothy - *The Cambridge Companion to Evangelical Theology*

históricos e observações científicas. Existem também teólogos que, contrariamente ao ensino oficial da Igreja e conforme algumas correntes protestantes liberais, negam totalmente a doutrina da inerrância. A doutrina da inerrância mantida pela Igreja Católica expressa pelo Concílio Vaticano II e na encíclica *Dei Verbum* de Paulo VI, é que

“(...) tudo quanto afirmam os autores inspirados ou hagiógrafos deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, por isso mesmo se deve acreditar que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para a nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Letras’. O Concílio também declarou que ‘Como, porém, Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras.’” (PAULO VI, 1965)²³.

Num sínodo de bispos dedicados à “Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”, reunido sob a direção do Papa Bento XVI em 2008, no seu documento de trabalho incluía-se a declaração de que

“Em síntese, pode-se dizer, com certeza, que embora a Sagrada Escritura seja inspirada em todas as suas partes, a sua inerrância diz respeito apenas à ‘verdade que Deus, para a nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas letras’” (BENEDICT XVI, 2008)²⁴.

Esta frase parece colocar um limite ao sentido da inerrância das Escrituras, limitação essa incorrecta aos olhos de muitos. De destacar o contributo do Padre Raymond Brown, um dos grandes biblistas católicos e dos primeiros a usar o método histórico-crítico, e que abriu caminho para uma nova interpretação da inerrância. Segundo ele, dever-se-á abandonar uma interpretação literal do texto, assumindo que a Escritura é inerrante apenas “na

23 PAULO VI - *Dei verbum* [Em linha], atual. 1965. [Consult. 2 jun. 2020]. Disponível em WWW:<URL:http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>.

24 BENEDICT XVI - *The Word of God in the life and mission of the Church* [Em linha], atual. 2008. [Consult. 28 mai. 2020]. Disponível em WWW:<URL:http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20080511_instrlabor-xii-assembly_en.html>.

medida em que está em conformidade com o propósito salvífico de Deus” (BROWN, 1981, p. 17)²⁵.

A doutrina da Inerrância Bíblica na actualidade

Um estudo feito do *Pew Research Center* (2018), indica que, olhando para um período entre 2007 e 2014, verifica-se que a percentagem de evangélicos que mantêm uma visão bíblicista do mundo continua a diminuir, e a percentagem de protestantes e católicos que mantêm essa visão de mundo diminui a uma taxa ainda mais alta, observando-se que as classes etárias onde se registam as maiores quebras, são as mais novas (PEW RESEARCH CENTER, 2018).

Também estudos da *Gallup* (2017) revelam que, entre 1976 e 2017, a percentagem de americanos que acreditam que a Bíblia deve ser lida literalmente, decresceu de 38% para 24%, enquanto aqueles que consideram as Escrituras como um livro de fábulas, de lendas, de história e de regras morais registadas pelo homem, subiram de 13% para 26%. É a primeira vez em quatro décadas de sondagens de opinião, em que o literalismo bíblico não ultrapassou o cepticismo bíblico. Enquanto isso, cerca de metade dos americanos – uma proporção praticamente inalterada ao longo dos anos – fica no meio, dizendo que a Bíblia é a palavra inspirada de Deus, mas que nem tudo deve ser tomado literalmente. A mudança é mais pronunciada entre os jovens adultos, indicando que a tendência provavelmente se acelerará nos próximos anos (GALLUP, 2017)²⁶.

É um facto inegável que na actualidade as gerações mais novas estão cada vez menos propensas a aceitarem uma leitura literal das Escrituras. A tendência

25 BROWN, Raymond E. - “*And the Lord Said*”? *Biblical Reflections on Scripture as the Word of God*.

26 GALLUP - *Record Few Americans Believe Bible Is Literal Word of God* [Em linha], atual. 15 mai. 2017. [Consult. 29 mai. 2020]. Disponível em WWW:<URL:https://news.gallup.com/poll/210704/record-few-americans-believe-bible-literal-word-god.aspx>.

vai cada vez mais no sentido de retirar à Bíblia a autoridade quase absoluta em matéria de fé e conduta, como aceite incontestavelmente por grande parte dos evangélicos. É certo que as Escrituras são ainda amplamente aceites por todos como um documento sagrado, mas a grande maioria das pessoas minimiza o papel directo de Deus na sua génese. Hoje, mais do que nunca, tende-se a acreditar que os textos bíblicos devem ser tratados como qualquer outro texto literário, lançando mão das ferramentas do método histórico-crítico. Se a Bíblia é palavra de homem e não de Deus, ou até, como propõe certa teologia protestante liberal, palavra de Deus e do homem, quase tudo, senão mesmo tudo, pode ser questionado.

Face a estas consequências de pluralidade de hermenêuticas, a doutrina da inerrância bíblica, que advoga para as Escrituras a autoridade absoluta em matéria de fé e conduta, vai ficando circunscrita a um conjunto cada vez menor de igrejas evangélicas fundamentalistas, crendo-se, no entanto, que as mesmas não venham a desaparecer por completo do espectro religioso cristão. Decorrente desta realidade, e face à crescente secularização, a grande maioria das sociedades ocidentais têm-se deparado com uma série de questões éticas e comportamentais que, sendo inaceitáveis à luz de hermenêuticas literais e fundamentalistas, vão-se tornando normativas.

Inerrância Bíblica e Ética

Tendo por base a Declaração de Chicago, Geisler, um dos maiores apologistas da inerrância, afirma que a ética cristã é,

“(...) baseada nos mandamentos de Deus, cuja revelação pode ser geral ou especial. Deus se revela tanto na natureza, como nas Escrituras. A revelação geral contém os mandamentos de Deus para todas as pessoas. Revelação especial declara a vontade de Deus para os crentes. Mas, em ambos os casos, a base da responsabilidade ética humana é a revelação divina” (GEISLER, 2010, p. 16)²⁷.

27 GEISLER, Norman L. - *Christian Ethics*

Uma vez que a Palavra de Deus não erra, todos os seus mandamentos, que são revelados por Deus, são normativos e prescritivos para todos os cristãos.

Vejamos alguns problemas relacionados com a ética cristã, os quais, tendo cada vez mais aceitação por parte da sociedade, constituem ainda matéria inegociável para a grande maioria das igrejas que aceitam a inerrância bíblica.

Aborto. O aborto induzido por razão concepcional ou eugénica, é claramente condenado por Deus. Até as situações de interrupção da gravidez em casos de violação e de haver fortes evidências médicas de graves deformações ou deficiências do feto, são claramente contrárias à vontade de Deus. Tanto a Escritura como a ciência apoiam a visão de que a vida humana começa na concepção, e tanto a revelação especial (Escrituras) quanto a geral declaram que é errado matar uma vida humana inocente. Existe uma exceção, no caso de existir perigo para a vida da mãe, pois a prática aqui não é considerada abortiva, uma vez que a intenção não é matar o feto mas sim salvar a vida da mãe.

De acordo com uma pesquisa do *Pew Research Center* (2018), só 40% dos que se consideram religiosos advogam que o aborto deve ser total ou parcialmente proibido. Entre os que fazem parte da tradição evangélica, a grande maioria opõe-se total ou parcialmente ao aborto (63%). Já nas igrejas de tradição protestantes/progressivas, a maioria dos inquiridos (60%) apoia a legalização do aborto em todas ou na grande maioria dos casos (MASCI, 2018)²⁸. Pela leitura deste inquérito, entre os evangélicos existem muitos que, embora contra o aborto, toleram-no parcialmente. Perante casos críticos, como gravidezes fruto de violação, em situações em que existam malformações no feto ou onde ocorra risco de vida para a gestante, muitos tomam posição individualmente, segundo a sua consciência e contra as posições dogmáticas e doutrinárias das suas igrejas.

28 MASCI, David - *American religious groups vary widely in their views of abortion* [Em linha], atual. 22 jan. 2018. [Consult. 1 jun. 2020]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/01/22/american-religious-groups-vary-widely-in-their-views-of-abortion/>>.

Eutanásia. Tanto a activa como a passiva são condenáveis. No quinto mandamento do Decálogo as Escrituras declaram enfaticamente para não matar, pois só Deus pode dar e tirar a vida, tendo soberania total sobre a vida humana.

As pesquisas mais recentes tendem a confirmar que a maioria dos adultos aprova a eutanásia voluntária. Em 2016, a *General Social Survey* verificou que cerca de 69% dos americanos estão de acordo que, quando perante solicitação do paciente ou dos familiares, o médico deve ter permissão legal de acabar com a vida do paciente desde que o processo seja indolor. Aqueles que acreditam que a Bíblia é a palavra literal de Deus (25%) têm maior relutância em permitir que os médicos tomem medidas que apressem a morte do que aqueles que acreditam que a Bíblia é a palavra inspirada de Deus (52%) ou um livro de fábulas (23%), ou seja, os considerados protestantes liberais (SHARP, 2018, p. 10)²⁹.

Biomedicina e Biotécnica. A inseminação artificial ou in-vitro, barrigas de aluguer, algumas técnicas de transplante ou extracção de órgãos, manipulação genética e clonagem são também condenáveis, assim como as mudanças de sexo. O ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus que lhe transmitiu imperativos morais para preservar a dignidade e a santidade da vida. Nas palavras de Geisler,

“a obrigação dos cristãos é servir a Deus, não brincar de Deus. Não somos os engenheiros da vida, mas apenas os seus guardiões. A intervenção médica, portanto, deve ser correctiva, não criativa. Devemos reparar a vida, não tentar reconstruí-la. A tecnologia deve servir a moralidade, não o contrário” (GEISLER, 2010, p. 197).

Os cristãos evangélicos geralmente confiam mais nas suas autoridades religiosas quando estas se pronunciam sobre os riscos e benefícios da ciência e tecnologia, e apenas um pouco menos propensos que os não evangélicos a

29 SHARP, Shane - *Beliefs in and About God and Attitudes Toward Voluntary Euthanasia*. Journal of Religion and Health. . ISSN 1573-6571. 57:3 (2018) 1020–1037. doi: 10.1007/s10943-017-0510-1.

confiar directamente nas autoridades científicas. Os que se consideram não evangélicos tendem a ter mais confiança na ciência do que os evangélicos (CACCIATORE *et al.*, 2016, p. 18).

Sexualidade. Relações sexuais pré-matrimoniais, masturbação e homossexualidade são totalmente condenáveis por Deus. O sexo é permitido apenas para fins procriativos, e depois para satisfação mútua entre os cônjuges, dentro dos limites do casamento instituído por Deus e exclusivamente entre um homem e uma mulher. Conforme inquérito do *Pew Research Center* (2014) acerca da homossexualidade, reporta-se que cerca de 62% dos inquiridos acham que a mesma devia ser aceite. Dentro da categoria dos cristãos protestantes evangélicos, 55% acham que a prática deva ser desencorajada, enquanto 36% dizem que a aceitam. Já no grupo dos protestantes progressistas/liberais, 66% aceitam a prática, contra 26% (PEW RESEARCH CENTER, 2014)³⁰.

Casamento e divórcio. O casamento é indissolúvel aos olhos de Deus a não ser quando um dos cônjuges abandona o lar e se casa com outra pessoa. Na Declaração de Chicago existem apontamentos acerca do papel da mulher dentro da família, entre os quais, que deve ser sujeita ao marido, a cabeça do lar, advogando-se o sistema patriarcal como instituído por Deus (ICBI, 1986)³¹. Segundo as últimas estatísticas a taxa de divórcios entre os que se afirmam evangélicos conservadores tem sido superior aos que se afirmam como protestantes progressivos/liberais, uns 28% contra 14%, o que não deixa de ser surpreendente tendo em conta que o divórcio é condenado nas Escrituras (PEW RESEARCH CENTER, 2014)³².

30 PEW RESEARCH CENTER - *Views about homosexuality - Religion in America: U.S. Religious Data, Demographics and Statistics* [Em linha], atual. 2014. [Consult. 1 jun. 2020]. Disponível em WWW:<URL:https://www.pewforum.org/religious-landscape-study/>.

31 ICBI - *The Chicago Statement on Biblical Application* [Em linha], atual. dez. 1986. [Consult. 30 mai. 2020]. Disponível em WWW:<URL:https://www.alliancenet.org/the-chicago-statement-on-biblical-application>.

32 PEW RESEARCH CENTER - *Divorced or separated adults - Religion in America: U.S. Religious Data, Demographics and Statistics* [Em linha], atual. 2014. [Consult. 1 jun. 2020]. Disponível em WWW:<URL:https://www.pewforum.org/religious-landscape-study/>.

Importa referir que grande parte dos pontos referidos não são condenados exclusivamente pelos sectores mais conservadores das igrejas, entre os evangélicos, protestantes ou católicos.

Inerrância Bíblica e Eclesiologia

Falando de eclesiologia³³, e tendo em conta o método literal da leitura dos textos sagrados impostos pela doutrina da inerrância bíblica, importa também abordar outras questões, como o sacerdócio feminino e o sacerdócio e participação da comunidade homossexual na igreja.

Sacerdócio feminino. Apesar de se reconhecer que tanto o homem como a mulher são criados à imagem e semelhança de Deus, de o próprio Deus não fazer distinção entre pessoas e de não se negar às mulheres o exercício de alguns ministérios na Igreja, não é permitido às mulheres que exerçam autoridade sobre os homens. Segundo uma leitura literal das Escrituras, a chefia e liderança masculina, tanto na igreja, como na família, é algo que está baseada na própria ordem da criação divina. Deus simplesmente não lhes concede essa função (GEISLER e HOWE, 1992, p. 421)³⁴. De acordo com pesquisas efetuadas pela *National Congregations Study* cerca de 1 em cada 5 igrejas protestantes americanas e afro-americanas são lideradas por mulheres, em comparação com apenas 3% das congregações dentro das tradições evangélicas (NCS, 2015)³⁵.

Sacerdócio e participação na igreja da comunidade homossexual. Uma vez que a prática da homossexualidade é totalmente condenada pelo biblicismo, são negados o acesso de pessoas homossexuais ou homoafectivas a qualquer ministério da igreja, inclusive o sacerdócio ou ministério pastoral. É igualmente negado o casamento entre pessoas do mesmo sexo. As igrejas evangélicas

33 Ramo da teologia que trata da doutrina da igreja, do seu governo e organização

34 GEISLER, Norman L.; HOWE, Thomas - *When Critics Ask: A Popular Handbook on Bible Difficulties*

35 NCS - *National Congregations Study* [Em linha], atual. 2015. [Consult. 1 jun. 2020]. Disponível em WWW:<URL:http://www.soc.duke.edu/natcong/about.html>.

protestantes são as menos propensas a aceitar membros gays e lésbicas (23%) e líderes (4%). Pode haver uma maior aceitação de membros gays entre igrejas evangélicas (acima de 16% em 2006, um aumento que não é estatisticamente significativo), mas não há sequer um indicativo de maior aceitação de líderes gays. O nível de aceitação também aumentou entre as principais igrejas protestantes, de 67% das congregações em 2006 para 76% em 2012³⁶.

Conclusão

O posicionamento do ICBI acerca da inerrância bíblica e que assume logo á partida a sua total infabilidade, parte do pressuposto de que factos expostos nas Escrituras extrapolam o domínio teológico e até espiritual. Relatos acerca da criação do universo, do mundo e do homem em seis dias, devem ser assumidos integralmente como factuais (artigo XII). Outros eventos como o dilúvio, as pragas do Egipto e o êxodo do povo hebreu para a terra prometida não devem merecer qualquer tipo de questionamento por parte dos fiéis das igrejas que subscreveram o documento. Embora o modelo europeu da inerrância bíblica adoptado por muitas igrejas europeias seja geralmente mais moderado do que o americano, têm-se assistido com alguma frequência a debates intensos entre os meios evangélicos conservadores e as alas mais moderadoras da sociedade americana.

Temas como o ensino do evolucionismo são amplamente defendidos pela grande maioria do conservadorismo evangélico e têm tido obtido influência política como se demonstrou na eleição do presidente Trump em 2016. O *Instituto Público de Pesquisas Sobre Religião* (PRRI) estima que mais do que 80% dos chamados “white evangelicals³⁷” depositaram o seu voto em Trump enquanto Hillary Clinton obteve apenas uns insignificantes 16%³⁸ o que

³⁶ *ibid*

³⁷ O termo white evangelicals é comumente associado aos cristãos evangélicos de raça branca.

³⁸ Pew Reserach Center. *How the faithful voted: A preliminary 2016 analysis*. Disponível em: <URL: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/11/09/how-the-faithful-voted-a-preliminary-2016-analysis/>>

demonstra a preocupação destes indivíduos em quererem apoiar e até influenciar as práticas políticas defendidas pelo candidato republicano vencedor.

De acordo com uma interessante tese de Mollen Worthen, o movimento evangélico esteve mergulhado numa profunda crise de autoridade durante mais de três quartos de século. São inegáveis os efeitos dessa crise, principalmente devido ao choque cultural e até a guerras internas dentro do próprio movimento. Se por um lado, a ala mais fundamentalista se mune da doutrina da inerrância bíblica, enfatizando a autoridade suprema das Escrituras em todas as áreas da vida, os mais moderados, além de ainda terem em consideração as Escrituras como fonte de verdade, permitem mais liberdade na análise crítica dos textos. A Bíblia é para estes últimos um meio de revelação, mas não a totalidade das revelações. A sua leitura deverá ser entendida como uma espécie de epifania que ocorrerá na articulação do texto com a tradição, a experiência e a razão humana. Os evangélicos mais fundamentalistas vêm-se assim confrontados com estas duas frentes, a da cultura secular, que nega a autoridade da Bíblia, e as divisões internas sobre a forma de as interpretar e utilizar enquanto autoridade normativa na vida e no pensamento (WORTHEN, 2013, p. 63)³⁹.

Conforme se verificou, o racionalismo, o método histórico-crítico, o relativismo e o desconstrucionismo colocaram em questão muitas das doutrinas defendidas pelas igrejas mais conservadoras, as quais reagiram fortemente, apoiando-se em doutrinas extremas como a da inerrância. Afinal, a única maneira de interromper qualquer diálogo com a ciência e a sociedade pós-moderna seria construir uma estrutura inexpugnável de declarações dogmáticas, cuja contradição pela ciência e pelo pensamento racional era tomada pela Igreja,

39 WORTHEN, Molly - *Apostles of Reason: The Crisis of Authority in American Evangelicalism*

não como um sinal de fraqueza ou de fragilidade, mas como uma virtude com a aprovação do próprio Deus.

Infelizmente a presente Declaração de Chicago tem sido vista no seio de muitas comunidades cristãs como entrave a um possível diálogo com o pensamento pós-moderno. Uma hermenêutica demasiadamente assente na letra e em certas formas de literalismo extremo que batalha pelo texto, redundará quase sempre em fracasso. Talvez, à semelhança das grandes reformas ocorridas a partir do século XVI, e que alteraram profundamente a cosmovisão e o paradigma bíblico, seja agora mais do que nunca uma reforma hermenêutica, mas desta vez mais inclusiva e aberta à sociedade.

Não que se deva abrir mão das crenças mais elementares do cristianismo tal como professadas nalguns dos primeiros séculos, mas sem a imensa carga dogmática acumulada ao longo de quase dois mil anos. O caminho será talvez um meio-termo, não tanto assente em elaborados sistemas como o da inerrância bíblica, mas mais focado numa ortopraxia, numa agenda social e ecológica, numa abordagem holística do cuidado do próximo e do mundo que nos cerca.

Bibliografia

- AUDI, Robert (Ed.) (1999) *The Cambridge Dictionary of Philosophy*. 2 edition ed. Cambridge : Cambridge University Press.
- AUNE, David E. (Ed.) (2010) *The Blackwell Companion to The New Testament*. 1 edition ed. Chichester, U.K.; Malden, MA : Wiley-Blackwell.
- BARTH, Karl (1956) *Church Dogmatics Volume I: The Doctrine of the Word of God*. [S.l.] : T & T Clark.
- BARTH, Karl (2010) *Church Dogmatics, Vol 1.1, Sections 1-7: The Doctrine of the Word of God, Study Edition 1*. Edition 1 edition ed. London; New York : T&T Clark.
- BARTH, Karl (2010) *Church Dogmatics, Vol. 1.2, Sections 19-21: The Doctrine of The Word of God, Study Edition 5*. Edition 22 edition ed. London; New York : T&T Clark.
- BENEDICT XVI (2008) *The Word of God in the life and mission of the Church*. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20080511_instrlab-or-xii-assembly_en.html. (Consultado em 28 /05/2020).
- BROWN, Raymond E. (1981) *“And the Lord Said”? Biblical Reflections on Scripture as the Word of God: Theological Studies*.
- BRUNNER, Emil (1946) *Revelation and Reason*. [S.l.] : Westminster Press.

- BRUNNER, Emil (1949) *The Christian Doctrine of God*. [S.l.] : Westminster Press.
- BRUNNER, Emil (1964) *The Word of God and Modern Man*. 1st Edition. [S.l.] : John Knox.
- CACCIATORE, Michael A. et al. (2016) *Opposing ends of the spectrum: Exploring trust in scientific and religious authorities: Public Understanding of Science*.
- DJUPE, Paul A.; OLSON, Laura R. (2003) *Encyclopedia of American Religion and Politics (Facts on File Library of American History Series)*. New York, NY : Facts on File, Inc.
- EAGLETON, Terry (1996) *The Illusions of Postmodernism*. 1 edition ed. Oxford, UK ; Cambridge, Mass : Wiley-Blackwell.
- GALLUP (2017) *Record Few Americans Believe Bible Is Literal Word of God* [Em linha], atual. 15 mai. 2017. [Consult. 29 mai. 2020]. Disponível em WWW:<URL:<https://news.gallup.com/poll/210704/record-few-americans-believe-bible-literal-word-god.aspx>>.
- GEISLER, Norman L.(2010) *Christian Ethics*. 2 edition ed. Grand Rapids, Mich : Baker Academic.
- GEISLER, Norman L.; HOWE, Thomas (1992) *When Critics Ask: A Popular Handbook on Bible Difficulties*. Grand Rapids, Mich. : Baker Books.
- GEISLER, Norman L.; ROACH, William C.; PACKER, J. (2012) *Defending Inerrancy: Affirming the Accuracy of Scripture for a New Generation*. [S.l.] : Baker Books.
- GEISLER, Norman L.; SPROUL, R. C. (2018) *Explaining Biblical Inerrancy: Official Commentary on the ICBI Statements*. [S.l.] : Bastion Books.
- HARRIS, Harriet A. (2008) *Fundamentalism and Evangelicals*. Oxford : OUP Oxford.
- HILLERBRAND, Hans J. (ED.) (2003) *Encyclopedia of Protestantism: 4-volume set*. New York : Routledge.
- ICBI (1986) *The Chicago Statement on Biblical Application*. Disponível em <https://www.alliancenet.org/the-chicago-statement-on-biblical-application>. (consultado em 30/05/2020)
- KER, Ian (2014) *Newman on Vatican II*. 1 edition ed. Oxford, United Kingdom : Oxford University Press.
- LARSEN, Timothy (2007) *The Cambridge Companion to Evangelical Theology*. Cambridge New York : Cambridge University Press.
- LOURENÇO, Frederico (2017) *Bíblia - Volume I: Novo testamento - Os quatro evangelhos*. [S.l.] : Companhia das Letras.
- MARSDEN, George M. (2006) *Fundamentalism and American Culture*. 2nd edition ed. New York : Oxford University Press, U.S.A.
- MARTINEZ, José (2013) *Hermenéutica Bíblica*. [S.l.] : CLIE.
- MASCI, David (2018) *American religious groups vary widely in their views of abortion*. Disponível em <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/01/22/american-religious-groups-vary-widely-in-their-views-of-abortion>. (Consultado em 1/6/2020)
- NCS (2015) *National Congregations Study*. Disponível em <http://www.soc.duke.edu/natcong/about.html>. (Consultado em 1/7/2020)
- PAULO VI (1965) *Dei verbum*. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. (consultado em 2/7/2020)
- PEW RESEARCH CENTER (2014) *Views about homosexuality - Religion in America: U.S. Religious Data, Demographics and Statistics*. Disponível em <https://www.pewforum.org/religious-landscape-study>. (Consultado em 1/6/2020)
- PEW RESEARCH CENTER (2014) *Divorced or separated adults - Religion in America: U.S. Religious Data, Demographics and Statistics*. Disponível em <https://www.pewforum.org/religious-landscape-study>. (Consultado em 1/6/2020)

- PEW RESEARCH CENTER (2018) *Why America's 'nones' don't identify with a religion*. Disponível em <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/08/08/why-americas-nones-dont-identify-with-a-religion>. (Consultado em 1/7/2020)
- PORTER, Stanley E. (2007) *Dictionary of Biblical Criticism and Interpretation*. 1 edition ed. New York : Routledge.
- SHARP, Shane (2018) *Beliefs in and About God and Attitudes Toward Voluntary Euthanasia*. Journal of Religion and Health.
- WELLMAN, James K. (2008) *Evangelical vs. Liberal*. Edición: 1 ed. Oxford ; New York : Oxford University Press.
- WORTHEN, Molly (2013) *Apostles of Reason: The Crisis of Authority in American Evangelicalism*. 1 edition ed. [S.l.] : Oxford University Press.